



Estado do Pará
Câmara Municipal de Belém
Vereador Pablo Farah – PHS

PROJETO DE LEI Nº _____/2019

Inclui no calendário Oficial do Município de Belém ,
o Ano Cultural Ruy Barata, e da Outras Providências

A Câmara dos Vereadores decreta:

Art. 1.º Fica instituído o ano de 2020 como o *Ano Cultural Ruy Barata*, em comemoração ao centenário de nascimento do poeta Ruy Barata.

Parágrafo Único. O evento de que trata o caput realizar-se-á durante todo o ano de 2020.

Art. 2.º O *Ano Cultural Ruy Barata* compreende todas as atividades e manifestações socioculturais promovidas pelo município no referido ano.

Art. 3.º O *Ano Cultural Ruy Barata* será instalado em sessão solene a ser realizada nesta Câmara de Vereadores em 2020.

Art. 4.º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Salão Plenário “Lameira Bittencourt”, 26 de Novembro de 2019


PABLO FARAH
Vereador – PHS



**Estado do Pará
Câmara Municipal de Belém
Vereador Pablo Farah – PHS**

JUSTIFICATIVA

Este Projeto de Lei tem como objetivo homenagear o poeta, compositor, advogado, professor e deputado Ruy Guilherme Paranatinga Barata, uma das maiores referências culturais do Pará, no seu centenário de nascimento que acontece em 25 de junho de 2020.

Ruy Guilherme Paranatinga Barata (Santarém, 25 de junho de 1920 — São Paulo, 23 de abril de 1990) foi um poeta, político, advogado, professor e compositor brasileiro.

Filho único de Maria José Paranatinga Barata e do advogado Alarico Barros Barata, recebeu o nome Ruy em virtude da admiração paterna por Ruy Barbosa. O indígena Paranatinga vem do lado materno, que significa rio (paraná) branco (tinga), “rio de águas claras”.

Seu avô materno, Antônio Bentes Paranatinga, incorporou a palavra indígena Paranatinga ao sobrenome em homenagem ao rio Paranatinga, que nasce no norte de Mato Grosso e faz parte da grande bacia do Amazonas. O sobrenome original “Bentes” é da família que se instalou no baixo Amazonas, ainda no século XVII, cujos membros eram judeus ou agnósticos.

Ruy foi alfabetizado pelo pai. Aos dez anos vem para Belém para continuar os estudos. Primeiro, no internato do Colégio Moderno; depois, no Colégio Nossa Senhora de Nazaré, dirigido pelos Irmãos Maristas. Faz o pré-jurídico no Colégio Estadual Paes de Carvalho, onde tem como professor o intelectual Francisco Paulo do Nascimento Mendes, de quem se torna amigo para a vida inteira, e se inicia na poesia escrevendo na revista literária paraense *Terra Imatura*. Em 1938 entra para a Faculdade de Direito do Pará.

Em meio aos estudos jurídicos sente aumentar a paixão pela poesia. Mergulha fundo nos poemas de Maiakovski, Garcia Lorca, T.S. Elliot, Mallarmé, Rilke, Pablo Neruda, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Jorge de Lima, entre outros.

Em 1941 casa-se com Norma Soares Barata. Em 1943, forma-se em direito e, como orador da turma, em plena ditadura do Estado Novo, faz um discurso em que pede a volta do país ao Estado de Direito e defende teses avançadas no campo da justiça social. Nessa fase, prefere trocar o exercício da advocacia pela presença na redação do jornal *Folha do Norte*, de Paulo Maranhão.

Passa a frequentar a roda de papo do Central Café, no centro de Belém, liderada pelo professor Francisco Paulo do Nascimento Mendes, onde convive e integra a mais brilhante geração de intelectuais paraenses republicanos, que gravitou em torno de Chico Mendes. Entre eles, Mário Faustino, Paulo Plínio Abreu, Benedito Nunes, Haroldo Maranhão, Waldemar Henrique, Machado Coelho, Nunes Pereira, Cauby Cruz, Napoleão Figueiredo e Raimundo Moura.

Ainda em 1943, publica seu primeiro livro de poemas *Anjo dos Abismos*, pela José Olympio Editora, com o decisivo apoio do romancista paraense Dalcídio Jurandir.

Nessa época, o pai de Ruy, Alarico Barata, exercia forte liderança política na região do Baixo Amazonas contra a violência do chamado *Baratismo*, liderado pelo então caudilho e interventor do Pará, Joaquim Magalhães de Cardoso Barata, que integrou o grupo de tenentes da Revolução de 1930.

Em decorrência dessa luta contra o autoritarismo de Magalhães Barata, Ruy Guilherme Paranatinga Barata entra na política partidária e, aos 26 anos, em 1946, é eleito deputado para a Assembleia Constituinte do Pará, pelo Partido Social Progressista (PSP). Embalado pelo clima de explosão democrática que sucedeu a vitória dos aliados contra o nazi-fascismo na Europa, nenhum tema relevante aos direitos humanos escapou da percepção do jovem deputado naquela legislatura. A luta pela paz num mundo traumatizado pela morte de milhões de seres humanos nos campos de batalha, o horror da ameaça atômica que exterminara as populações de Hiroshima e Nagasaki, o respeito à autodeterminação dos povos, o Estado de Direito no Brasil, a defesa da soberania da Amazônia e a luta contra a pobreza foram temas caros a Ruy Barata.

Foi reeleito em 1950. Em 1951 publica os poemas de *A Linha Imaginária* (Edições Norte, Belém). A partir daí e depois, como deputado federal (1957 a 1959), se afirma como a voz progressista no Pará em defesa do monopólio estatal do petróleo, das grandes causas nacionais e da paz mundial, nos momentos cruciais da chamada guerra fria.

Nessa época, provavelmente, dá início à construção de *O Nativo de Câncer*, poema inacabado com força épica a contar a história de uma cultura em face da invasão de culturas estranhas, um impressionante inventário das coisas e do homem amazônico, incluindo aí o inventário do próprio poeta, um nativo de câncer. O primeiro canto do poema foi publicado em fevereiro de 1960 no jornal *Folha do Norte*.

Em 1964, com o golpe militar, foi preso, demitido de seu cartório (então 4º Ofício do Cível e Comércio da Comarca de Belém) e aposentado compulsoriamente do cargo de professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará, com menos de 10% de seus proventos. Para sobreviver passa a exercer a advocacia no escritório de seu pai, Alarico Barata, e escreve artigos e reportagens com pseudônimos, como Valério Ventura, para os jornais *Folha do Norte* e *Flash*.

A partir de 1967, Ruy Barata, que tinha, desde a juventude, uma estreita ligação com a música, passa a compor em parceria com seu filho, o então jovem músico e instrumentista Paulo André Barata.

Ruy mostra-se um exímio letrista para as melodias do filho. Compõem dezenas de músicas, de cunho rural e urbano, que se tornaram sucessos nacionais e internacionais. É para Óbidos, a cidade que tanto amou, que compõe um dos clássicos da sua obra com o filho Paulo André, a canção "Pauapixuna", gravada por Fafá de Belém e dezenas de outros intérpretes.

Em 1978 lança mais um capítulo do estudo sobre a Cabanagem, a revolução paraense de 1835, cuja publicação iniciara no ano anterior pela revista do Instituto Professor Sousa Marques (Rio de Janeiro): *O Cacau de Sua Majestade, O Arroz do Marquês, A Subversão do Cacau e do Algodão, A Economia Paraense às Vésperas da Tormenta*.

Em 1979, com a promulgação da Lei da Anistia, Ruy Barata é aposentado como cartorário e reintegrado ao quadro de professores da Universidade Federal do Pará – e volta a ensinar Literatura Brasileira.

Em 1984, é publicada a primeira edição do livro *Paranatinga*, de Alfredo Oliveira, que traz um estudo biográfico sobre o poeta.

Ruy Barata morreu em 23 de abril de 1990 durante uma cirurgia em São Paulo, para onde viajara a fim de coletar dados sobre a passagem de Mário de Andrade pela Amazônia. Deixou nove filhos.

Sua estátua está nos jardins do *Parque da Residência*, antiga casa dos governadores do Pará, que hoje abriga a Secretaria de Cultura do Estado. Empresta seu nome a uma avenida, ainda em construção, que margeia as águas da baía do Guajará em Belém.

O trabalho de Ruy Barata continua a inspirar músicas, poesias, vídeos, cinema, trabalhos escolares, teses, documentários, dança, artes plásticas e dezenas de outras manifestações políticas e culturais em todo o Pará, para reverenciar a memória do poeta que disse em uma canção: *Tudo que eu amei estava aqui*.

Salão Plenário “Lameira Bittencourt”, 26 de Novembro de 2019

PABLO FARAH
Vereador – PHS